

# VACINAR, SIM OU NÃO?

Um guia fundamental

GUIDO CARLOS LEVI  
MONICA LEVI  
GABRIEL OSELKA

---

**mg**  
MG EDITORES

VACINAR, SIM OU NÃO?

*Um guia fundamental*

Copyright © 2018 by Guido Carlos Levi, Monica Levi e Gabriel Oselka

Direitos desta edição adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem da capa: **Tomaz Silva – Agência Brasil**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

*Este livro não pretende substituir qualquer tratamento médico.  
Quando houver necessidade, procure a orientação  
de um profissional especializado.*

## **MG Editores**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.mgeditores.com.br>

e-mail: [mg@mgeditores.com.br](mailto:mg@mgeditores.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<i>Introdução</i> . . . . .	9
1 Histórico . . . . .	13
2 Os antivacinistas . . . . .	23
3 Religiões e recusa de vacinas . . . . .	29
4 Respostas da ciência . . . . .	39
5 Segurança das vacinas . . . . .	49
6 Eventos adversos vacinais – Como lidar? . . . . .	55
7 Vacinação compulsória – Aspectos legislativos e éticos .	61
8 As grandes controvérsias e as consequências da não vacinação para o indivíduo e para a comunidade . . .	73
<i>Considerações finais</i> . . . . .	91

# Introdução

**NO FINAL DO** século 20, o Centers for Disease Control and Prevention (CDC), órgão máximo da saúde pública dos Estados Unidos, publicou uma lista das dez maiores conquistas do país no campo da saúde pública entre 1900 e 1999. Em primeiro lugar estavam as imunizações. Conclusão semelhante com certeza seria verificada em qualquer outro país que publicasse esse tipo de avaliação. De fato, ao lado das melhorias sanitárias, em particular a oferta de água tratada, nada trouxe tantos avanços em benefício da saúde humana quanto as vacinas. Estima-se que estas, isoladamente, sejam responsáveis nos últimos dois séculos por um aumento de cerca de 30 anos em nossa expectativa de vida.

E, no entanto, ainda há grupos de médicos e leigos que enchem a mídia, em particular a eletrônica, de informações negativas sobre as vacinas e de veementes apelos contra seu uso. De onde se originam essas informações? Algumas da má-fé (veja, no Capítulo 8, o caso Wakefield), outras de erros científicos, outras de crenças religiosas ou filosóficas e outras, ainda, do simples desconhecimento dos fatos e dos dados abundantemente fornecidos por fontes científicas de seriedade indiscutível e – por que não dizer – pela própria história da humanidade e da medicina em particular.

Será possível que tenhamos saudades dos tempos em que na Europa morriam cerca de 400 mil pessoas por ano devido à va-

ríola? Ou que desconheçamos que essa doença foi responsável pela morte de três milhões de nativos quando de sua introdução pelos espanhóis no Novo Mundo? Sem ir tão longe, na última década do século 19 morreram de varíola no Rio de Janeiro 8.599 indivíduos, em uma época em que a população da cidade era muito menor que a atual. Em São Paulo, o Hospital de Isolamento (hoje Instituto de Infectologia Emílio Ribas) foi construído com grande parte da verba vinda de subscrição pública, tendo sido inaugurado em 1880 justamente devido à terrível epidemia de varíola que assolava o estado. E, indo menos longe ainda, os médicos das gerações mais antigas puderam estudar a doença, ainda na década de 1960, em pavilhões lotados do Emílio Ribas e de outras instituições similares em várias partes do país, verificando assim a frequência com que, na evolução da doença, ocorriam óbitos ou sequelas graves. Hoje, graças ao esforço mundial de vacinação que permitiu a erradicação da varíola da face da Terra, os médicos formados nas últimas décadas só conhecem a doença por meio das ilustrações de livros mais antigos. E os menores de 40 anos não têm nem mesmo a marca da vacinação.

Alguém terá saudades da poliomielite, com seus milhões de casos anuais no mundo, ou das paralisias que acometiam as crianças desafortunadas em que o vírus produzia comprometimento neurológico? Saudades das muletas e dos pulmões de aço? Hoje, graças à vacinação, a poliomielite desapareceu em nosso meio e está quase totalmente erradicada no mundo todo. Isso só ainda não aconteceu em virtude das interrupções de vacinação devidas a contestações político-religiosas contra a vacina oral da poliomielite (VOP/Sabin) em alguns poucos países asiáticos e africanos.

E as epidemias de febre amarela, que, citando o padre Vieira, “deixaram as casas cheias de moribundos, as igrejas de cadáveres e as ruas de tumbas”? Na segunda metade do século 19, no Rio de Janeiro, essa virose causou 58.063 mortes em uma cidade que em 1850 tinha somente 166 mil habitantes! Apesar da importância fundamental das medidas de saneamento, foi por meio da vacinação em massa da população em situação de risco que a febre amarela urbana não tem mais sido vista entre nós desde a década de 1940 e apenas a forma silvestre tem sido observada (em poucos casos anuais) em um país como o nosso – de dimensões continentais e enormes áreas de mata, com grande falha nas medidas de controle da proliferação do mosquito vetor.

Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), no ano 2000 o sarampo teria atingido cerca de 30 a 40 milhões de pessoas no mundo, com 770 mil óbitos. Entre nós, foi sempre a segunda causa de morte por doença infecciosa na população infantil, perdendo apenas para a diarreia. Na década de 1980, ainda tínhamos enfermarias lotadas de crianças com essa doença, com altíssima mortalidade e frequentes sequelas. Hoje, graças à vacinação, a maioria de nossos estudantes de medicina e dos médicos jovens jamais viu um caso sequer.

Além disso, no campo das imunizações, grandes avanços foram obtidos nas últimas décadas contra as meningites bacterianas. A vacina contra o papilomavírus humano (HPV) vem mostrando resultados positivos na prevenção do câncer de colo de útero e também em outras localizações, abrindo assim caminho para o desenvolvimento de novas vacinas contra neoplasias. Recentemente tornou-se disponível uma vacina protetora con-

tra a dengue, responsável por tantos adoecimentos e mortes entre nós e em várias outras regiões do nosso planeta.

Pelo exposto, o leitor já deverá ter percebido que, de nossa parte, não poderá esperar uma abordagem neutra quanto à importância das imunizações. Claro que as vacinas não são totalmente desprovidas de possíveis eventos adversos ou tóxicos, assim como qualquer medicamento ou procedimento médico sempre está e estará sujeito a efeitos indesejáveis. No entanto, os efeitos negativos são muito menores que os benefícios, e em geral de pequena monta e facilmente controláveis.

Mesmo assim, ainda surgem polêmicas que muitas vezes causam prejuízos consideráveis aos programas de vacinação em várias partes do mundo. Quem são os antivacinistas? Que argumentos usam? Em que fontes se baseiam? Que respostas a ciência dá a seu raciocínio? Quais são os aspectos legais e éticos, em outros países e entre nós, ligados à recusa de vacinas?

Consideramos extremamente importante o debate aberto desses temas, e informações e análises a esse respeito é o que tentaremos trazer a seguir neste livro. Se ele aumentar a confiança nas vacinas naqueles que já as utilizam e criar algumas dúvidas naqueles que são contrários, já terá servido ao seu objetivo.

## Sugestões de leitura

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. “Ten great public health achievements, 1900 1999: impact of vaccines universally recommended for children”. *JAMA*, v. 281, n. 16, 1999, p. 1482-83.

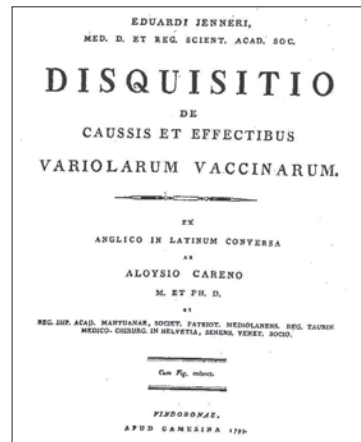
LEVI, G. C. “Confissão”. *Imunizações*, v. 5, 2012, p. 9-10.

MC NEIL, W. H. *Plagues and people*. Garden City: Anchor Press, 1976.

ZINSSER, H. *Rats, lice and history*. Nova York: Black Dog & Leventhal, 1935.

# I. Histórico

**DEVEMOS AO INGLÊS** Edward Jenner o desenvolvimento do primeiro método seguro de vacinação. Após 20 anos de estudos realizando experiências com a varíola bovina, Jenner demonstrou, em 1796, que uma proteção poderia ser obtida com a inoculação de material extraído da lesão pustular humana de varíola bovina (*cowpox*, que hoje sabemos ser causada por um orthopoxvirus bastante próximo do vírus da varíola). Deu ao material o nome de *vaccine*, derivado do termo latino *vacca*, e denominou o processo *vaccination*. Após a imunização bem-sucedida de um menino de 8 anos inoculado, a seguir, com material de pústula de varíola,



*Jenner e o frontispício de seu trabalho*



Jenner tentou apresentar seus resultados em conferência para a Royal Society, o que lhe foi negado. Publicou, então, em 1798, seu trabalho à própria custa, com sucesso notável e imediato.

Já na Antiguidade, no entanto, tentou-se a proteção contra a varíola com a inoculação de material obtido pela remoção das cascas das pústulas, a seguir moídas e aplicadas por esfregação na pele ou por inoculação nas narinas. O método, denominado variolação, não era desprovido de riscos. Como, no entanto, as fatalidades ligadas à sua utilização eram dez vezes menos frequentes que após a infecção natural, seu uso persistiu por séculos. As primeiras descrições a esse respeito vêm da Índia, por volta do ano 1000 da era atual. De lá, o método se espalhou para a China, o Cáucaso, a Turquia e a África, chegando à Inglaterra por intermédio da embaixatriz britânica em Constantinopla, Mary Wortley Montagu.



*Lady Mary Wortley Montagu*